



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 8 – Nº 17 - Janeiro - Junho 2013
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

DIALOGISMO EM TIRAS HUMORÍSTICAS

Autora:

Viviane D. da Silva¹
Ernani Cesar de Freitas²

¹ Mestranda em Letras - Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso – UPF; Professora Municipal em Sananduva – RS; Professora Particular de Redação e Língua Portuguesa; Revisora de textos; e-mail: vividds@yahoo.com.br.

² Doutor em Letras (PUC-RS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP); Professor do PPGL – Universidade de Passo Fundo (UPF); e-mail: ecesar@upf.br.

DIALOGISMO EM TIRAS HUMORÍSTICAS

Resumo: O presente estudo apresenta uma análise dialógica do discurso realizada em duas tiras humorísticas do personagem Hagar. Como objetivo geral, buscamos demonstrar que a troca verbal é que constrói o sentido entre a relação dialógica dos personagens das tiras humorísticas. A teoria que embasa a análise está fundada no dialogismo de Mikhail Bakhtin, com abordagens também de alguns de seus estudiosos. Para tanto, utilizaremos todo o contexto enunciativo da tira visando à compreensão da interação verbal que ocorre entre a troca comunicativa e a construção do sentido. A pesquisa organizou-se de maneira descritiva e bibliográfica, baseou-se para análise do corpus nas categorias teóricas que abordam o conceito de dialogismo: alternância dos sujeitos falantes, atitude responsiva ativa, relação dialógica entre o *eu* o *outro*, presença do *outro* na fala do *eu*, instauração do *eu*, troca verbal, que fazem parte da teoria de Bakhtin e desse estudo em especial. De forma geral, o estudo mostra que em qualquer relação comunicativa entre um *eu* e um *outro* as falas de um são impulsionadas pelo dizer do outro, pois não existe uma fala que seja totalmente nova ou que não sirva de resposta a um dizer anterior.

Palavras-chave: Discurso. Tiras humorísticas. Dialogismo. Sentido.

Abstract: The present study shows a dialogical analysis carried out two humorous strips of the character Hagar. As general objective, we demonstrate that what builds a sense of the dialogic relationship among characters of the humorous strips is verbal exchange. The theory behind the analysis is based on Mikhail Bakhtin's dialogism with approach of some of his readers, too. For this, we will use the whole enunciative context of the strip in order to understand the verbal interaction that occurs between the communication exchange and the construction of meaning. The research was organized in a descriptive and bibliographical way. Relied on for corpus analysis in theoretical categories that approach the concept of dialogism: rotation of speaking subjects, active responsive attitude, dialogic relationship between self and other, presence of other in self speech, introduction of self, verbal exchange that are part of the Bakhtin's theory and from that study in particular. In general, the study shows that in any relationship between an I and another the speech are driven by one saying the other, because there is no a speech that is totally new or to serve as a answer to a previous mean.

Keyword: Speech. Homorous Strips. Dialogism. Meaning.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como tema norteador o dialogismo (BAKHTIN, 1992) percebido no gênero textual tiras humorísticas do personagem Hagar. A delimitação por essa perspectiva de análise ocorreu em virtude de que o diálogo é o elemento fundante na comunicação entre os homens, sem o qual não é possível existir uma relação social racional, já que o homem é o único ser dotado da fala.

A contribuição desse estudo é percebida na medida em que se constata que a língua somente assume seu papel quando é posta em ação, ou seja, quando é utilizada por seres que buscam um “poder” pela palavra, através da troca de informações oportunizada pela fala.

A questão norteadora foi assim estabelecida: a relação entre as palavras ditas por ambos os personagens – dialogismo e o sentido que elas assumem dentro do contexto humorístico - é que desencadeia o poder de troca de informações. Para tanto, será levado em questão o fato de que o texto não-verbal também tem representatividade na interação quando acontece a troca comunicativa, pois apresenta elementos que auxiliam na interpretação do enunciado, ou seja, do discurso.

O objetivo geral deste artigo é mostrar que o dialogismo é fator determinante na comunicação entre o locutor e o ouvinte, isto é, um *eu* e um *outro* que buscam seu espaço pelo uso da língua. A análise realizada permite evidenciar que no texto humorístico a voz do outro é fator diferencial na construção do sentido almejado pelo locutor no discurso. Pela resposta do ouvinte, que passa a ser locutor, é possível estabelecer a relação comunicativa que desencadeia o riso.

Os procedimentos metodológicos que dão suporte a este estudo referem-se à pesquisa descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa em sua análise e interpretação do corpus que é composto por duas tiras humorísticas do autor Chris Browne, com seu renomado personagem Hagar, símbolo da autoridade de uma época. Além do humor, traço semântico essencial nas tiras, também será considerado o fato de que essas sempre buscam realizar uma crítica social encoberta pelo riso. Despertam o leitor para perceber certos problemas que envolvem a sociedade e que, algumas vezes, não são tratados com o devido interesse que deveriam receber.

O gênero textual selecionado para essa análise - tira humorística - apresenta uma construção sincrética (texto verbal + texto não-verbal) que condiciona a uma leitura mais crítica da sociedade, uma vez que faz um jogo entre o texto sutilmente escrito e a associação com a imagem. Esse gênero tem como características principais: a predominância do caráter humorístico; economia narrativa, com a presença de frases curtas; palavras, expressões ou construções que remetem a uma pluralidade de significados, com poucos personagens, os quais são caracterizados. Também surgem combinações de significados da metonímia (palavra que designa outro objeto) e da metáfora (significação natural de uma palavra substituída por outra) e emprego de símbolos icônicos (representação de um objeto pelos seus traços mais característicos) convencionais para expressar sentimentos, ações ou emoções.

A estrutura deste trabalho está assim configurada: fundamentação teórica, na qual são apresentados os principais elementos relacionados ao dialogismo; metodologia de pesquisa, seção

essa em que são desenvolvidas as categorias relacionadas aos procedimentos metodológicos utilizados no estudo; análise do corpus, onde é possível relacionar a teoria apresentada com a prática, ou seja, com a língua em ação no processo comunicativo; por fim, constam as considerações finais.

1 DIALOGISMO NA VISÃO DE BAKHTIN E SEUS ESTUDIOSOS

A teoria bakhtiniana é fundamentada pelo elemento do dialogismo (diálogo entre um *eu* e um *outro*) permanente e harmonioso representado e expressado pelas diferenças contextuais (sociedade, cultura, tempo, espaço) em cada esfera comunicativa. Brait (1997, p. 98) enfatiza que é impossível “interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”.

A linguagem é que funda a teoria do Círculo³ através de um ser social, inserido num tempo determinado, pois, como menciona Faraco (2006, p. 130), “o Círculo de Bakhtin com sua teoria das relações dialógicas colocou, com maestria, a linguagem no cerne da problemática”.

Para que ocorra qualquer processo representado pela linguagem, é necessário que a troca verbal venha à tona, assim é que a esfera comunicativa passa a ter validade. Isso somente é possível e viável através de um dialogismo, que é colocado em prática por dois ou mais seres dotados da fala, que interagem pela palavra, na busca pela interação verbal.

Brait (1997, p. 98) continua sua afirmação enfatizando que “o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses

³ O Círculo de Bakhtin trata-se de um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta da metade de 1890) que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado). Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e os três que vão nos interessar mais de perto nesta análise: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. Os membros do Círculo tinham em comum a paixão pela filosofia e pelo debate de ideias, o que é facilmente perceptível nos textos que nos legaram. Mergulharam fundo nas discussões de filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo. Podemos acrescentar a essa paixão uma outra que progressivamente invade os interesses do Círculo, em especial em seus tempos de Leningrado: a paixão pela linguagem (Faraco, 2006, p. 14-15-16).

discursos”. Dessa forma, a teoria dialógica do discurso é que instaura a discursividade nas relações entre os homens.

Percebe-se assim que todo diálogo é uma relação firmada entre aquele que fala (locutor) e aquele que ouve (ouvinte), através de uma fala discursiva permeada por elementos que provocam a alternância dos sujeitos falantes. Em todo e qualquer discurso é preciso que exista a fala de ambos os envolvidos e não somente de um dos locutores, pois, do contrário, a teoria dialógica não atingiria seu objetivo de troca verbal.

Toda e qualquer linguagem apresenta funcionalidade distinta dependendo do grupo em questão, tais como: escolaridade, nível socioeconômico, faixa etária, etnia, etc., uma vez que dependendo com quem se fala o discurso precisa de uma moldagem mais rebuscada (formal / refinada) ou mais próxima do cotidiano (coloquial).

Nesse aspecto observado, cabe ressaltar a afirmação de Faraco (2001, p. 32) ao enfatizar que “para Bakhtin, a consciência individual se constrói na interação e o mundo da cultura tem primazia sobre a consciência individual”. Ou seja, tudo que é pensado somente pelo individual (eu) passa a ter validade no momento em que é expresso no grande grupo, já que se vive em uma sociedade que trata a cultura como o diferencial dos tempos futuros e saber viver significa relacionar-se com o poder oriundo da palavra.

Faraco (2001, p. 32) ressalta que “Bakhtin entende as ciências humanas como ciências do texto”, visto que é o ser humano quem produz palavras, frases, discursos que são todos denominados como texto, expressando assim a opinião de um sujeito. Também são essas ciências que possibilitam a estruturação dos dizeres não de forma isolada, fragmentada, mas numa completude maior chamada de texto.

Em seguida serão apresentadas algumas questões teórico-metodológicas relacionadas com a teoria bakhtiniana:

- *Aspectos ideológico-sociais*: a palavra, ao ser considerada como signo ideológico e dialógico por natureza, ancora um confronto de vozes (posições) que nela se projetam. Conforme Bakhtin/Volochinov (1995, p. 113), é uma espécie de “ponte” lançada entre o locutor e os outros, é “território comum do locutor e do interlocutor”. Dessa forma, a palavra está sempre projetada socialmente para alguém que interage com o locutor, não é possível utilizar o mesmo processo comunicativo dentro de uma sala de aula e em uma audiência, pois cada espaço social, juntamente com os interlocutores, precisa de uma adequação linguística;

- *Dialogismo e relações de sentido*: em um mesmo discurso existem várias opiniões, várias relações de sentido que se cruzam para estabelecer aquele que é pretendido na troca verbal. Para Bakhtin (1992, p. 319), “em um mesmo enunciado há cruzamento de vozes discursivas em decorrência, o que implica que o sujeito não é a fonte de seu dizer, mas sim constitui-se heterogeneamente”. A relação entre locutor e interlocutor tem resultado satisfatório no momento em que a troca comunicativa acontece de maneira satisfatória, ou seja, existindo uma relação de completude e entendimento de ambos na busca pelo sentido;

- *A constituição (tessitura) do enunciado*: a noção de gênero discursivo, para Bakhtin (1992, p. 276), é entendida como “tipos relativamente estáveis do enunciado”, pois os enunciados fazem parte de forma integrante dos gêneros do discurso e devido ao meio em que circulam na sociedade é que buscam esse ou aquele sentido. Ao proferir o enunciado é necessário levar em consideração qual é o mais apropriado para a informação que se deseja passar, pois cada gênero possui características que lhe são próprias e desempenham certa função específica ao comunicar.

Seguindo essa mesma linha teórica, Souza e Silva (1997, p. 180) comenta que “o locutor termina seu enunciado para dar a palavra ao outro ou para possibilitar-lhe uma compreensão responsiva ativa”. Existe uma troca de informações durante o processo comunicativo que somente é possível através das falas alternadas entre locutor e ouvinte (dialogismo), visto que a língua somente assume seu papel comunicativo quando é posta em funcionamento, ou seja, usada na relação entre um *eu* e um *outro*.

2 METODOLOGIA E ANÁLISE

A metodologia utilizada vale-se das pesquisas bibliográfica e descritiva que terá como autor central do estudo Bakhtin (1992, 1995, 2000), apresentado através das ideias do Círculo e alguns de seus estudiosos como Brait (1997), Faraco (2001, 2006), Flores (2001), Souza-e-Silva (1997), com a perspectiva “dialógica da linguagem”. O Círculo de Bakhtin, na década de 20, apontava para um caminho que saturava a linguagem de índices sociais de valores, pois cada um vê a realidade conforme seu contexto social, já que a consciência é social de ponta a ponta. Baseado nesses textos é que o presente estudo terá validade teórica e pertinente para chegar à prática, pois a partir dos conceitos teóricos é que serão feitas as análises que discorrerão sobre o

processo da interação verbal num processo de troca recíproca entre os locutores – *eu* e o *outro*, o *outro* e *eu*.

A análise se desenvolve qualitativamente, ou seja, levará em conta o conteúdo presente em cada um dos dois textos (tiras), nos quais buscamos mostrar elementos sociais que não estão sendo representados de “maneira justa” em uma sociedade que prima pelo capitalismo e consumismo.

Os procedimentos metodológicos que integram o dispositivo de análise do corpus são baseados nas seguintes categorias categóricas: alternância dos sujeitos falantes, atitude responsiva ativa, relação dialógica entre o *eu* o *outro*, presença do *outro* na fala do *eu*, instauração do *eu*, troca verbal. Essas categorias propiciam demonstrar que durante o processo de diálogo é necessário que os envolvidos no discurso, na enunciação, estejam inseridos em um contexto que vai do locutor ao interlocutor, na busca da interação verbal.

Assim, retomando a materialidade de análise – tiras humorísticas - do autor Chris Browne – verificamos que o personagem Hagar tenta apresentar soluções para o problema de dois amigos distintos, através da troca de palavras (diálogo). Dessa maneira, o dialogismo será abordado como forma de interação entre um locutor e um ouvinte. Durante a atitude responsiva ativa dos sujeitos falantes (personagens) no discurso manifestado nas tiras é que acontecerá propriamente o processo comunicativo, o qual norteia as relações entre a sociedade.

Ao analisar as tiras, percebe-se de imediato que o humor nelas existente somente é possibilitado pela alternância das falas. Além de produzirem o riso, a intenção de quem as produziu é também fazer alguma crítica social, no caso a dominação, seja pela força ou pelos bens materiais que possui.

Flores (2001, p, 38) enfatiza que “para Bakhtin não existe um objeto de discurso que já não seja diálogo, pois não há uma fala original”. Qualquer palavra que é proferida vem impregnada de elementos anteriores, não nasceu do nada. Os discursos percebidos em ambos os textos reafirmam essa concepção na medida em que utilizam elementos exteriores e anteriores a essa fala, para que a essa mesma assuma o sentido pretendido.

As falas do personagem Hagar estão marcadas pelo sentimentalismo, pois no texto 01 (tira 01) ele tenta confortar o outro, enquanto que no segundo está condoído com a situação financeira do amigo:



Figura 01- Tiras de Hagar
Fonte: Jornal Zero Hora (2011)

Nesse texto 1 somente entende-se o assunto quando é levada em conta a fala de ambos os personagens, já que não é possível estabelecer uma troca verbal sem a participação do outro. Ou seja, a relação dialógica entre ambos é estabelecida pela alternância dos sujeitos falantes/interlocutores.

Desse modo, Bakhtin (2000, p. 290) afirma que

[...] o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar (...) a compreensão de uma fala viva, de um enunciado é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa*; toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor.

No texto 01 (tira 01), o personagem concorda com as afirmações de Hagar somente falando “Tá”, pois não se encontra em condições de rir. Acontecem três falas de Hagar e uma somente do outro participante do diálogo, mostrando assim quem é que está na posição de locutor dessa troca verbal: Hagar. Ao considerarmos que as imagens e o silêncio também fazem parte desse dialogismo, faz-se necessário compreender que esses elementos contribuem decisivamente para estabelecer a relação almejada entre o *eu*, aquele que se revela conforme o tempo em que está inserido e o *outro*, aquele que é alguém concreto, com quem o eu interage, pois o sujeito vive em grupo na sociedade.

Acontece um paradoxo entre os verbos *rir* e *chorar*, os quais, ao mesmo tempo em que possuem sentidos opostos, podem estar atrelados em momentos de emoção. Hagar não tem consciência da situação em que o outro se encontra, mas somente quer que ele esteja feliz, por isso espera uma resposta.

A esse propósito, Bakhtin (2000, p. 293, 294) afirma que “as fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela *alternância dos sujeitos falantes*, ou seja, pela alternância dos locutores”. No decorrer do diálogo entre os personagens é possível afirmar que a interação verbal tem validade, uma vez que no momento em que um diz algo está aguardando uma resposta do outro que é disponibilizada pela sua fala.

Nessa mesma tira 1, fica clara a posição do personagem Hagar no momento em que utiliza o verbo no modo imperativo (2º quadrinho), impondo sua vontade independente da posição ocupada por seu parceiro no diálogo. O fato de “mandar fazer algo” suscita uma interpretação de que Hagar possui autoridade para isso, fato somente possibilitado durante a troca comunicativa. Aqui aparece de forma muito clara a relação de poder estabelecida na sociedade, quando, em alguns momentos, aquele que é o oprimido precisa rir até mesmo das próprias desgraças.

De acordo com Flores (2001, p.36), “as relações dialógicas não podem ser separadas da língua como fenômeno integral e concreto. Bakhtin introduz a ideia de comunicação dialógica, dizendo que a linguagem vive da comunicação dialógica daqueles que a usam”. Em outras palavras, somente é possível relacionar-se com o outro através de uma troca verbal (diálogo), pois dessa maneira é que se interage e se compreende o que passa no meio social em que se insere e atua.

Desse modo, somente através das relações dialógicas é possível perceber e reconhecer quem tem o poder e quem é o dominado; quem tem os bens materiais e quem é o empregado; quem é o detentor do saber e quem é o discípulo, ou seja, é pela fala de um e de outro no processo dialógico que entra em cena a luta de classes, pois a palavra remete à percepção de ambas as posições ocupadas. Isso pode ser compreendido no texto 01 (tira 01), quando Hagar impõe sua vontade acima de tudo: “Vamos, dê uma risada”, não importando a situação em que o outro está, pois somente almeja uma resposta ao interlocutor nesse diálogo.

De acordo com Flores (2001, p. 37), “o percurso feito por Bakhtin é basicamente este: a ação humana está diretamente ligada à utilização da língua”. Ou seja, não existe nenhum ato humano que não esteja atrelado à linguagem, em todos os momentos do cotidiano é necessário estabelecer a troca de palavras com o outro para entender o meio social em que se vive. Qualquer

atitude está marcada pelo processo da língua, pois ela é o nosso mecanismo de comunicação com o outro e com o mundo.

Na sequência, apresentamos o texto 02 objeto de análise:



Figura 02 - Tiras de Hagar
Fonte: Jornal Zero Hora (2011)

No texto 02 (tira 02), Hagar também fala mais, mas a pergunta do outro personagem “O que ele fez” desencadeia todas as respostas posteriores que norteiam o restante do diálogo, pois somente com essa pergunta o interlocutor entra no diálogo de maneira a fazer com que o desencadeamento da conversa seja outro. Aqui também é possível relacionar a noção de poder, porque acontece uma luta de classes muito nítida: alguém que antes tinha posição social elevada por intermédio de bens materiais e que agora definhou financeiramente é alvo de comentários em um bar. Local esse onde as trocas verbais acontecem de forma muito coloquial, sempre buscando a opinião do outro a partir da exposição dos elementos relacionados à situação contextual em questão.

Dito de outra maneira, para que exista o processo comunicativo satisfatório é necessário que os personagens tenham um conhecimento prévio no sentido de entender as relações estabelecidas pelo diálogo desenvolvido no momento presente. Além do discurso atual, é preciso perceber que esse está impregnado de elementos anteriores ao momento do dizer, pois nenhum discurso surge do nada, mas sim carrega consigo dizeres de outros momentos enunciativos.

Esse texto (Tira 2) também está impregnado de aspectos sociais, inseridos em uma determinada situação social que nunca se repete/temporalidade/outro tempo, visto que um dos personagens passou de uma estrutura financeira aparentemente cômoda para outra um tanto quanto infeliz. Antes era estruturado financeiramente, isso fica comprovado pela fala “um barco grande”, mas agora ele “é um homem acabado” como diz Hagar (2º quadrinho), pois trocou “por um menor”. O fato de o poder econômico direcionar essas falas é um fator significativo, porque

quando tinha dinheiro o homem tinha amigo e agora “ninguém liga mais pra ele”, discurso que introduz o diálogo entre os personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à análise das tiras foi possível constatar que esse gênero textual leva em conta tanto o verbal como o não-verbal e principalmente a questão do dialogismo entre os envolvidos no processo comunicativo. O sentido desse gênero textual discursivo está adequado a um contexto específico que leva em consideração elementos anteriores e exteriores ao momento da troca de locutores, em um processo de reciprocidade, de diálogo.

A questão norteadora, nesse trabalho, fez-se presente e materializou-se do princípio ao fim, uma vez que não existe troca verbal sem que ambos os locutores – *eu* e o *outro* - envolvidos no diálogo não estejam participando ativamente de um processo dialógico, numa interação verbal. Através da troca verbal, o *eu* instaura-se pelo *outro*, numa alternância entre os sujeitos do discurso.

O objetivo geral do trabalho acredita-se foi alcançado: estabelecer as relações dialógicas dentro do contexto comunicativo das tiras humorísticas. Esses textos buscam, pela palavra do locutor e do interlocutor, a produção do efeito humorístico; também fazem uma crítica social que normalmente está presente em nosso meio, mas passa despercebida.

Através do dialogismo bakhtiniano foi possível entender que a alternância dos sujeitos no momento da interação verbal busca o sentido estabelecido entre o *eu* e o *outro*, porque não existe uma fala original, mas sim uma fala impregnada de elementos existentes em enunciados anteriores. Ao falar com o *outro* o *eu* deixa rastros de sua ideologia social, assim acontece também quando se alteram os falantes, pois “a palavra é sempre também palavra do Outro” (BAKHTIN, 1992).

Ao alinhar neste estudo trabalho teórico-aplicado, constatamos que somente no momento em que ocorre o diálogo entre as pessoas é possível perceber a materialidade da língua, pois somente assim ela cria vida e passa a ditar as regras do jogo. É nessa troca verbal que se situa todo o sentido pretendido pelos falantes, uma vez que através das palavras é possível ditar sua maneira de ser e viver.

A teoria bakhtiniana, a qual fundamentou a pesquisa, é essencial quando se pretende falar de língua em processos de troca/ de interação verbal, porque não existe alguém que fale para si mesmo, mas somente sujeitos que, através do diálogo, trocam experiências e colocam a língua em um mecanismo de funcionamento.

Acreditamos que este trabalho contribui à esfera dos estudos linguístico-discursivos, sob a perspectiva enunciativa bakhtiniana, pois mostra que a teoria do dialogismo está presente nas atividades mais corriqueiras do cotidiano e não somente nas “conversas culturais ou filosóficas”, uma vez que os conceitos formulados por Bakhtin e seus seguidores estão inseridos em toda troca verbal, e em qualquer situação comunicativa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 289-326.

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, V. N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo, Hucitec, 1995.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido** (Org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 91-104.

FARACO, C. A. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas, SP: São Paulo: Fapesp, 2001, p. 27-38.

_____. **A linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, nº 4, p. 7-67, dez. 2001.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. Enunciados interrompidos: são eles inacabados? In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 179-186.